ALGUMAS OBSERVAÇÕES ACÊRCA DA INFLUÊNCIA DO INGLÊS NO PORTUGUÊS E DO MAIOR VEICULO DELA — O FRANCÊS

(Cont. do n.º 2, pag. 199)

Êste facto da existência de três pronúncias para o mesmo estranjeirismo não atinge só os anglicismos, como mostra, por exemplo, *Tivoli*, nome do melhor cinema lisboeta no actual momento. Raríssimos são os cultos que pronunciam exdrùxulamente *Tívoli*, como convém ao vocábulo, que é de origem italiana. Quási todos pronunciam agudamente *Tivolí* como se o nome fôsse francês; só o povo é que diz lusitanamente *Tivóli*, fazendo grave a palavra, como no geral o são os termos do nosso idioma — a proporção é de cêrca de dois têrços de paroxítonos para um têrço de oxítonos e proparoxítonos — no que mostra, a-pesar-da sua incultura, mais senso lingüístico que aqueles que a afrancesam prosòdicamente.

Tudo isto é bem indicativo do facto seguinte — já atrás pôsto no merecido relêvo: que o francês é o veículo maior do anglicismo e doutros estranjeirismos.

Inda outro aspecto curioso a notar no campo fonético é o seguinte: o predomínio de formas de torna-viagem sôbre as formas nacionais originárias. Um caso exemplificador é *Sumatra*, — forma que importámos do inglês, a quem demos tal nome próprio na forma *Çamatra* ou *Samatra*, e que êle adoptou ao seu idioma em *Sumatra*, pois é o *u* que aí tra-

duz melhor o nosso *a* fechado ou brando. Çamatra é como vem, por exemplo, em João de Barros, que assim titula um capítulo das *Decadas da Asia:*

«Em que se descreve a situação da Ilha Çamatra, e Reynos della, e dalgumas cousas que nella aconteceram aos nossos» (1).

E Samatra é como está na primeira edição dos *Lusiadas,* de Luís de Camões:

> A nobre ilha Samatra que ja dantes
> Juntas ambas a gente antiga vio (2).

Bluteau, no *Vocabulario,* tem *Çamatra* e *Samatra*—inda não *Sumatra,* que é importação recente. Aconteceu-nos com êste nome próprio coisa semelhante ao que nos aconteceu com os francesismos *fetiche* e *baiadera,* a propósito dos quais escrevi no *Diário de Notícias,* de Lisboa, a seguinte *Nota filológica,* subordinada ao título—*A propósito de um vocábulo de torna-viagem:*

«Pregunta-me um leitor se é admissível em português o têrmo *baiadera,* que uma peça de teatro acaba de trazer à baila. Respondo: não,—mas por emquanto. E vou procurar esclarecer a asserção.

«*Baiadera* é um têrmo de torna-viagem, mas ainda não aclimado ou generalizado em português sob essa forma estranjeirada: assenta no francês *bayadère,* que tem, por seu turno, origem no português *bailadeira,* ou *balhadeira*—e talvez mais no divergente popular que no culto, como já notou Gonçalves Viana nas *Palestras filológicas*—nome designativo da dançarina—prostituta da Índia. Delatre, em 1854,

(1) Cap. I, Dec. III, Liv. V.

(2) X, 124.

no trabalho — *La langue française dans ses rapports avec le sanscrit et avec les autres langues indo-européennes* põe em relêvo a estirpe lusa do vocábulo: «Les portugais désignaient les almées de l'Inde par le terme générique de *Bailadeira,* dont nous avons fait *Bayadère*». É *bailadeira* o têrmo que nossos clássicos empregam. Gaspar Correia, por exemplo, diz nas *Lendas da India:* «Vinhão ao terreiro muitas molheres bailadeiras, com seus tangeres, que a isso ganhão sua vida». Em verdade, o vocábulo — *baiadera* não passa de uma importação irreflectida e inútil, só explicável pela falta, a mais não ser lastimável, do conhecimento clássico do idioma. ¿Para quê, realmente, trazer de uma língua estranjeira um têrmo que já se lhe deu, — e que, para mais, não adquiriu ainda nenhum matiz novo de significação que justifique o seu emprêgo na titulação de uma idea órfã de palavra tradutora?

«*Baiadera* tem um divergente de terminação mais aportuguesada — *baiadeira,* que, por exemplo, o poeta Eugénio de Castro emprega neste passo do *Sagramor:*

> No mosaico de côr os pés das baiadeiras
> Quais borboletas são num jardim levantino...

O caso de *baiadera* não é, porém, único no português: o do têrmo *fètiche* é-lhe inteiramente paralelo. O português *feitiço,* de *facticiu,* foi importado pela língua francesa, que o amoldou em *fètiche,* forma sob a qual nós lá fomos buscá-lo, por nossa vez.

Todavia, êste precalço que o francês nos fêz sofrer, e que dá bem medida da sua forte influência no português, também àquela poderosa língua de civilização o infligiu o inglês, em casos como os seguintes: *bougette,* que em francês designava pequena bôlsa, originou o inglês *budget,* orçamento, que sob esta forma voltou à França com os econo-

mistas do século XVIII — e que a Academia admitiu em 1835; *tonnelle,* que em francês designava abóbada de verdura, originou o inglês *tunnel*, passagem subterrânea, que sob esta forma voltou à França com o estabelecimento das rêdes ferro-viárias — e que a Academia admitiu em 1878.

«Com estes dois termos regressados ao lar francês, sob uma forma britânica, dá-se, porém, um facto que se não verifica com os dois termos regressados ao lar português, sob uma forma francesa: adquiriram na excursão novos significados, — o que de algum modo justifica a importação ulterior.

«Concluindo:

«*Baiadera* ou *baiadeira*, como *fètiche*, são termos invernáculos, desnecessários, rejeitáveis — na hora actual. Aflorem, no entanto, amanhã na bôca do vulgo, obtenham o consenso geral — que o banho lustral está tomado, e não há que pôr embargos. O gramático regista factos presentes, verifica correspondências entre épocas passadas, porém não legisla para o futuro. E pode ser que para *baiadera* a hora de admissão não tarde. O têrmo está bafejado da aura teatral, — que Gastão Paris, nas *Mélanges linguistiques*, acha excelente para lançar vocábulos: «Uma multidão de locuções, de metáforas, de apodos burlescos, hoje correntemente empregados, provêm de peças de teatro, muitas vezes completamente esquecidas».

Resignemo-nos no entanto por lá haver por fora — e no próprio francês em relação ao inglês — coisas de similar teor.

Um exemplo toponímico como Sumatra:

Do nome *Fond de baie*, de certo litoral canadiano, fizeram os inglêses *Fundy bay;* os geógrafos franceses, porém, não reparando que tinham sido os dadores do nome inglês, assentaram sôbre êste a nova designação — *Baie de Fundy*.

Outro facto que podia notar-se inda no domínio fonético era o dos acidentes especiais que sofrem as importações,

Além dos casos de etimologia popular — já com certa largueza considerados — podiam, por exemplo, notar-se fenómenos de adjunção de sons como é o caso de suarabactes como *solipa*, de *sleeper*, aliás facilitado pela vizinhança da lateral líquida — notem-se os vulgarismos *Selivana, Selivestre*, por *Silvana* e *Silvestre* — e que tem paralelos em importações ânglicas doutros idiomas — caso do espanhol *filibote*, do inglês *fly-boat*.

Sob o aspecto gráfico há a notar que temos boas adaptações — caso de *lanche*, — ao lado de adaptações insuficientes — caso de *splenético*, — assim registado por Adolfo Coelho no seu *Dicionário etimológico*, por *esplinético*, ou melhor *esplínico* — e até de adaptações erróneas — caso de *hiate*, em que há um *h* cuja presença, explicável muito embora por uma confusão com *hiato*, é manifesta falta em relação à forma etimológica — *yatch*. É *iate* que deve escrever-se em português — importando fazer triunfar esta grafia tanto como se fizeram triunfar outras, em que houve confusões do mesmo jaez, por vezes mesmo autênticas etimologias populares de feitura culta — como no caso de *posthumo*, por *póstumo* que é superlativo latino da família de *posterior* e *postremus* — os juristas romanos chamavam póstuma à criança nascida após a morte do pai — e nada tem com *humus*, como se julgou pedantescamente.

Também se deve notar que muitos vocábulos os possuímos na grafia francesa — que não na inglêsa. Tal o caso de *bifteck, truc*, formas que *beefsteak* e *truck* tomaram naquela língua. Um exemplo de *truc* grafado à francesa está neste passo do romance — *Os Maias*, de Eça de Queiroz:

«Era um truc simples» (1).

(1) II, 3.ª ed., pág. 202.

O francês tem também formas erróneas. Deixando de lado o caso de *bifteck* há a considerar, por exemplo, o caso de *ponet*, por *poney*, e que é a forma verdadeiramente viva, porquanto produziu o feminino *ponette*, semelhantemente ao que acontece em *pauvret — pauvrette, simplet — simplette,* pois que a alternativa sufixal *et — ette* é a diminutiva por excelência da língua francesa.

Outro aspecto gramatical curioso, no domínio do inglesismo, é o morfológico. Há nêle a notar, por exemplo, a circunstância de haver nos anglicismos inadaptados como que dois plurais — um de que usam os verdadeiros cultos — e que é o britânico, outro de que usam os falsos cultos e mesmo pessoas de bom saber, por inadvertência, e talvez um tanto ainda por influência do francês, visto que neste idioma aparecem, não só a mesma mecânica de plural gráfico, mas até os mesmos deslizes. Ao lado dos plurais exactos *sportsmen, gentlemen, clubmen, policemen*, aparecem plurais falsamente aportuguesados, nascidos espontâneamente, ou talvez antes por influência do êrro francês correspondente e da mesma mecânica gráfica do plural dêsse idioma, *sportsmans* — inda *sportmans*, com perda injustificável do *s* medial, e até pleonàsticamente *sportsmens*, acavalando dois plurais — *gentlemans* e *policemans*, quando, se quiséssemos aportuguesar verdadeiramente tais vocábulos, deveríamos ter *esportsmanes*, *clubmanes, policemanes*. Mário Barreto tangeu excelentemente o assunto quando, nos *Factos da língua portuguesa*, se ocupou da trilogia barbárica — *sportman, sportmen, sportsmans:*

«Vejamos um conhecido anglicanismo *sportsman*, muito em voga em França, como em Portugal e no Brasil. Cá por estas nossas terras tanto *sportsman* como *sportsmen* soem abandonar o *s* que têm no meio: *sportman* e *sportmen*. Mas há ainda alguma coisa além desta síncope, e é o plural *sportsmans*, em que a um barbarismo se agrega outro maior.

O plural do têrmo inglês, em quanto o não substituirmos por outro que seja português, é *sportsmen*. Aportuguesando-se êste vocábulo, o plural deve ser *esportsmanes* com a adição de *es* como *cânones*, *ademanes*, etc. De igual maneira *gentleman*, que vale tanto como o castiço *gentil-homem*, sepultado em injusto olvido, tem por plural *gentlemen*. Se vier a aportuguesar-se, não serão os *gentlemans*, senão os *gentlemanes*, os que hão-de alcançar o beneplácito da gramática. Há também quem faça o plural *sportsmens*, pondo no plural um plural, como sucede com o italiano *diletante:* o plural aportuguesado é *diletantes*, o italiano é *dilettanti*, e gente há que dêsse plural italiano forma outro plural, juntando-lhe um *s: diletantis*» (1).

Outras inadvertências do mesmo jaez são, por exemplo, *ladys*, *dandys*, *penaltys*, por *ladies*, *dandies*, *penalties*,— que são os verdadeiros plurais inglêses. Há um exemplo de *dandys* neste passo da *Viagem à roda da Parvónia*, de Guerra Junqueiro: «Dois bachareis dandys, ambiciosos de conservatorias e delegacias» (2).

João Penha, na poesia *A mulher do século*, do *Canto do Cisne*, tem também a forma errónea *dandys:*

> Todos os dandys da roda
> Como que em passos de dança
> A vão seguindo na alheta
> Lhe disparam madrigais
> No olho esquerdo a luneta (3).

E Camilo Castelo Branco escreveu também *dandys* neste passo da *Boémia do espírito:*

«Estes rapazes, assim cavalleiros, figurinos, lovelacianos,

---

(1) Rio de Janeiro, 1916, pág. 102.

(2) 2.ª ed., pág. 31.

(3) Lisboa, 1923, pág. 57.

esgrimidores, mais ou menos surdos, chamavam-se simplesmente janotas, ou em nomenclatura mais culta — *dandys*» (1).

E na *Maria da Fonte* o mesmo escritor tem *revolvers*, palavra que assim grafada não é portuguesa nem inglêsa: «com o projecto homicida de quem carrega *revolvers* de dez tiros» (2).

Penaltys é hoje grafia errónea muito freqüente nas secções desportivas dos jornais: vejo-a, por exemplo, no *Diário de Lisboa* de 8 de Janeiro de 1928, logo nos subtítulos indicadores dos resultados de um desafio pedibolístico entre espanhóis e portugueses.

Mas os mesmos erros se têm feito no francês — ou melhor, é do francês que êles nos vieram já feitos, ao menos em grande parte. Alfredo de Musset na comédia *Bettine* tem o plural *dandys* neste passo:

«Vous reverrez cette foulle émue, attentive, qui suit vos moindres gestes, qui respire avec vous, ce parterre qui vous aime tant, ces vieux dilettanti qui frappent de leurs cannes, ces jeunes *dandys* qui, parés pour le bal, déchirent leurs gants en vous applaudissant, ces belles dames dans leurs loges dorées, qui, lorsque le cœur leur bat aux accents du génie, lui jettent si noblement leurs bouquets parfumés» (3).

No entanto muitos escritores há em Portugal que são rigorosos no que respeita às formações plurais de termos ânglicos. Cito, para exemplificação, a exacta pluralização *babies* dêste passo das *Cartas de Londres*, do sr. Dr. Júlio Dantas:

«Eu não sei se os meus leitores conhecem, na intimidade

---

(1) Pôrto, 1886, pág. 10.

(2) 1884, pág. 308.

(3) *Scène XVIII.*

dos lares inglêses ricos, os aposentos reservados aos *babies*» (1).

Uma nota agora no que respeita ao género dos substantivos comuns que o português importou do inglês. Êste último idioma tem neste domínio gramatical uma lógica que falta aos idiomas românicos: são nêle do género neutro os nomes designadores de ideas abstractas ou coisas inanimadas, princípio que não é no entanto absoluto, visto como o povo e os escritores cultos, personificando uma ou outra vez certas criações espirituais e materiais, as repartem pelo masculino e feminino. Ora tais nomes ânglicos de abstracções e objectos, transitando para o português, que não tem o neutro gramatical da língua exportadora, distribuem-se pelo género masculino e feminino, por circunstâncias, já formais, já significativas.

É um motivo formal que faz feminino o têrmo *sulipa*, de *sleeper*: a presença do *a* final na adaptação, sendo característica feminina do nosso idioma, arrastou para tal género o têrmo originàriamente neutro.

É um motivo significativo que faz com que seja masculino *steamer*, — motivo que deve residir na circunstância de pertencerem a tal género as palavras portuguesas correspondentes — *vapor*, *navio*, *transatlântico*.

É curioso ainda notar que o português no que respeita ao género dos anglicismos se afasta não pouco do francês — nosso norte e nossa guia quási sempre noutros domínios lexicais e gramaticais. Emquanto, por exemplo, êste idioma diz no masculino *le sandwich* e no feminino *une garden-party*, nós procedemos exactamente ao contrário: para nós *sandwich* é feminino — *uma sandwich* ou *uma sanduíche*, e *garden-party* é masculino — *o garden-party*. No entanto deve notar-se que também formas condizentes no género com

(1) 1.ª ed., pág. 112.

as francesas aparecem naturalmente entre nós. O próprio *garden-party* é feminino neste passo das *Cartas de Londres,* do sr. Dr. Júlio Dantas: «Foram-me apresentados, ela e o marido, na última *garden-party* da estação, há três meses» (1).

Convém observar que muitas das importações nominais inglêsas produzem entre nós derivados, antes mesmo da adaptação: vi *filmar*, primeiro que *filme* — pelo que êsse têrmo cinematográfico nasceu directamente da forma britânica *film*, como *foot-ballista*, do inglês *foot-ball,* como *shokinguemente*, do ânglico *shoking.*

É possível que também estas formações híbridas reproduzam as francesas. Nem mesmo na asneira costumamos ser muito originais. Assim, o híbrido *interviewar,* feito sôbre *interview,* voz anglicana aliás supérflua, visto que possuíamos — *conferência* e *entrevista,* a primeira sem qualquer matiz depreciativo, e a segunda apenas levìssimamente tocada de conotações ou reflexos semânticos de carácter amoroso — e contra cujo arrevesamento Mário Barreto justamente se indignou — foi precedido do francês *interviewer,* disparate da mesma monta. Eis as palavras do ilustre filólogo brasileiro, nos *Factos da língua portuguesa:*

«Os jornalistas e outros estropiadores de nossa formosa e rica língua portuguesa formaram com *interview*, aplicando-lhe a desinência da primeira conjugação, o enrevesado verbo *interviewar*, e ficaram tranqüilos e satisfeitos de si e da sua obra. Melhor andariam se de *entrevista* fizessem nascer o verbo *entrevistar,* como de *revista* já temos *revistar*» (2).

Encontramos dêstes hibridismos mesmo na pena dos escritores de maior preocupação purística, se bem que às vezes

---

(1) 1.ª ed., pág. 112.

(2) *Factos da língua portuguesa,* Rio de Janeiro, 1916, pág. 134, nota 3.

o façam com intuito irónico ou ridicularizador. Tal é o caso do seguinte passo das anotações de Camilo Castelo Branco ao livro *A Formosa Lusitania*, por Catarina Carlota Lady Jackson:

«No decurso do livro veremos energicamente, *shokinguemente*, repetida a indignação desta senhora contra namoros nos jardins de Portugal» (1).

Estas formações híbridas apresentam por vezes a particularidade de possuir um elemento ânglico que é já um composto no idioma originário. Tal o caso de *foxtrotar*, que aparece no seguinte passo das *Cartas de Londres*, do Dr. Júlio Dantas: «Foxtrotavam pares que pareciam estar festejando as suas bodas de oiro» (2).

Em francês encontram-se, como é de esperar, factos similares aos que no português se verificam: de *whist* fez-se *whister*, *whisteur*, *whisteuse*, como de *highlife* e de *struggle-for-life* se fêz mesmo *highlifeur* e *struggle-for-lifeur*.

Inda acontece que estes híbridos são-no já às vezes por via dos próprios elementos radicais: em certos têrmos compostos convive com a forma ânglica a forma nacional. Tenho visto *foot-bolar* na imprensa desportiva, caso similar ao francês *black-boulé*, de *black-balled*, forma com que se alude familiarmente ao candidato que num exame obteve mais esferas pretas que brancas, ou por extensão, ao indivíduo que foi vencido em qualquer acto eleitoral.

Estas derivações de compostos, sejam ou não híbridos os elementos radicais, têm um carácter inestético, e pouco natural à estrutura dos idiomas latinos. Afonso Daudet, autor de *struggleforlifeur*, teve disso rebate quando confessou que ao criar tal formação não tinha tido o verdadeiro sentimento da língua francesa (3).

---

(1) Pôrto, 1887, pág. 38, nota.
(2) 1.ª ed., pág. 212.
(3) Em Remy de Gourmont, *op. cit.*, pág. 98, nota 1.

Cabe chamar aqui a atenção para o sufixo — *ista*, nos casos em que reproduz o sufixo inglês — *ist*: é o que se verifica, por exemplo, em *humorista* e *ensaísta*, criações de elementos nacionais aparecidos por via dos termos ânglicos correspondentes — *humorist* e *essayist*. O que se deu com o português deu-se também com o francês *humoriste* e *essayiste*. Nesta língua acontece inda coisa paralela com o sufixo — *eur*, por via do *er* inglês: é o que se vê, por exemplo, em *trappeur*, de *trapper*.

Outro domínio onde o anglicismo aparece com certa freqüência é o semântico. Sob o influxo das palavras inglêsas correspondentes, certos termos da língua nacional vão adquirindo nova significação, por vezes com manifesto prejuízo da antiga.

Pode também notar-se que raro será o caso em que o têrmo nacional semânticamente anglizado não encontre inglesia paralela no vocábulo francês correspondente — pelo que também êste campo filológico ministra elementos que abonam a tese — o veículo maior do inglesismo é a língua francesa.

Encontramos exemplos de anglicismos semânticos em palavras como *humorismo, expresso, excentridade, confôrto*. *Humorismo,* que a princípio significava um sistema médico em que se atribuía aos humores a causa de tôdas as doenças, hoje quere dizer também, pelo contágio semântico do inglês, uma especial disposição graciosa que se revela nas várias formas da expressão — na oral como nas gráficas. Também *expresso,* inicialmente adjectivo sinónimo de declarado, está hoje, graças ao inglês, enriquecido do significado de *rápido,* que se topa em formações como *comboio expresso,* ou simplesmente *expresso*. A respeito de *confôrto* ou, melhor, do seu derivado, *confortável*, que, sendo ambos antigos na língua no sentido moral, alargaram modernamente o seu

significado no sentido físico por influência dos termos correspondentes inglêses — *comfort* e *comfortable*, diz Mário Barreto, no formoso livro — *Através do dicionário e da gramática:*

«O sentido novo que tem *confortável* foram os inglêses que lho deram; os franceses receberam a palavra de torna-viagem com a nova acepção, adquirida além-Mancha, de tudo o que constitui o bem-estar material e as comodidades da vida. A inglesice introduziu-se modernamente na nossa lingua: o seu uso é autenticado pelos dicionários por ter chegado a ser comunissimo. Vemo-lo no *Contemporaneo* com este exemplo: *Um gabinete muito confortavel*» (1).

Garrett empregou já êste anglicismo semântico no *Arco de Sant'Ana:*

«Com quê, disse o amo, reclinando-se a gosto no alto espaldar de sua cadeira confortavel... tam confortavel quanto cadeira o podia ser no decimo quarto seculo» (2).

E Camilo Castelo Branco no *Bom Jesus do Monte* fêz outro tanto: «Aluguei, por sua ordem, uma das mais confortaveis casas do Passeio-alegre» (3).

Que estes anglicismos semânticos são modernos é coisa que não escapou a certos cultores da língua, como Bulhão Pato, que o nota em relação a confortável, neste passo do livro *Sob os ciprestes:*

«O gabinete de estudo era pequeno. No inverno, aconchegado, agasalhado, ou *confortavel,* como agora se diz» (4).

Também «excêntrico» com o significado de exquisito ou singular é anglicismo semântico moderno, embora já registado por Domingos Vieira, no seu *Dicionário.* O sentido tra-

---

(1) Ed. cit., pág. 68-69.
(2) Vol. II. cap. XXVI.
(3) Pág. 127.
(4) Pág. 27.

dicional da palavra é o de afastado ou fora do centro, que se vê neste passo do *Oriente* de José Agostinho de Macedo:

> Eis se avista no espaço imenso e puro
> Subitamente o rosto afogueado
> De excentrico Cometa, a dilatada
> Cauda mostra em feição de aguda espada (1).

O novo sentido, adquirido por influência inglêsa, quási matou o originário. Excêntrico hoje não suscita por assim dizer senão a imagem mental de original ou singular. E tanto assim que vemos a palavra a titular obras nessa acepção. O escritor Sousa Costa tem um livro de contos que se denomina *Excêntricos,* e que é aliás na obra um título metassémico — parte pelo todo — pois é o do primeiro conto que nela se contém.

Se compararmos êste emprêgo desembaraçado da acepção ânglica do vocábulo, com o emprêgo tímido que dela inda faz Camilo Castelo Branco, no passo que a seguir transcrevemos dos seus *Esboços de apreciações literárias,* vê-se quanto ganhou terreno o anglicismo semântico:

«Havia, porém, um como brasão indicativo de sua prosápia, em Soares de Passos: era a excentricidade — tolerem o anglicismo — era o recolher-se, o desapegar-se da gente, um quasi solipsismo intellectual» (2).

Outros anglicismos semânticos são, por exemplo, ainda *voto,* como têrmo político, com a idéa do inglês *vote* e *actuario,* no sentido de calculista financeiro que tem o inglês *actuary*. *Rèclame,* ou melhor — *reclamo,* com a significação de cartaz ou publicidade, é ainda anglicismo — ou mais rigorosamente anglo-americanismo, pois foi nos Estados Unidos

---

(1) Canto II, est. 75.

(2) Pág. 96.

da América que *to reclaim* tomou o significado especial de chamar a atenção por meio de anúncios.

É também por via francesa que devem chegar estes anglicismos semânticos. Efectivamente nesse idioma há *humour*, do inglês *humour*, ao lado de *humeur*, do latim *humor*, e, com êste, outros nomes derivados — substantivos e adjectivos, como *humoriste* e *humoristique*, respectivamente do inglês *humorist* e *humoristic; express*, do inglês *express*, ao lado de *exprès* do latim *expressus;* e *confort*, do inglês *confort* — anglicismos semânticos admitidos todos três em 1878 pela Academia Francesa.

Excentricité tem em francês sentido ânglico, como sentido ânglico possuem também *vote*, *actuaire* e *réclame*, — êste último vocábulo admitido pela Academia na acepção de apêlo à publicidade também em 1878.

Em *atracção*, com o sentido de coisa atraente, há também influência da palavra inglêsa *attraction*, e vinda naturalmente ainda por intermédio do francês *attraction* — que a sofreu directa. Honoré de Balzac ministrou um precioso elemento para ajuizar do contágio semântico exercido pelo têrmo inglês *attraction* sôbre o têrmo francês formalmente correspondente quando em 1835 escreveu a M.me Hanska: «Avec cela, trouver des combinaisons, des *attractions*, comme disent les Anglais, pour obtenir la faveur du public, de manière a écraser, par leur supériorité, les autres journaux» (1).

O francês é pois aqui ainda o intermediário — o que aliás não é de estranhar porque o deve ser também em muitos outros casos de idêntica natureza. Dois, de origem germânica igualmente, são os: de *cultura*, em sentido intelectual, e de *motivo*, em sentido musical, e que só chegaram até nós com a nova aderência semântica depois do francês — *culture* e *motif* haverem sido influenciados pelo alemão *kultur* e *leitmotiv*.

---

(1) *Correspondence*, ed. Calmann-Lévy, XXIV, pág. 220.

Também noutras línguas os casos de assimilação semântica, por influência do inglês, são inúmeros. No francês há não poucas palavras do mundo político, social e desportivo assimiladas às inglêsas formalmente correspondentes. Alguns exemplos, que não têm paralelo no português:

1) *Adresse*, em sentido político — *présenter une adresse au ministre* — é contágio do inglês *adress*.

2) *Entraîner*, no sentido especial que lhe dão os desportistas — *entraîner un cheval* — está contagiado do inglês — *to train*.

3) *Planteur*, no sentido especial de colono que faz plantações fora da Europa, é contágio do tecnicismo inglês *planter*.

4) *Lecture*, quando se emprega no sentido de conferência, está influenciado pelo inglês *lecture*.

Por via das traduções do inglês — aliás bem diminutas em relação às do francês — aparecem outros anglicismos semânticos, que aliás são sol de pouca dura — talvez mesmo porque lhe falta a garra do francês a segurá-los à língua portuguesa.

Gonçalves Viana, nas *Apostilas aos Dicionários portugueses*, enumera alguns dêsses anglicismos, colhidos em 1904, num periódico de Lisboa, em tradução directa do inglês. Transcrevemos dois:

Primeiro: «*Os mais sanguíneos russofilos*», em inglês *sanguine*, que quer dizer *esperançados*.

Segundo: «*E sobre elles* (os factos consumados) *negoceiam com o Japão ignorando as pretenções da Russia*» (inglês — *ignoring*) quere dizer *pondo de parte, desatendendo*. Em português ignorar significa «desconhecer, não saber» (1).

Gonçalves, Viana juntamente com estas, comenta outra frase jornalística, em que o anglicismo, embora aparecido

(1) I, pág. 424.

nela por decalque da expressão estrangeira, me parece de natureza diversa, uma vez considerado em absoluto, se é que mesmo chega a ser anglicismo e se não trata antes de uma evolução semântica natural do verbo *arranjar*.

Eis a frase: «*A França e a Inglaterra tinham arranjado* (inglês *arranged*) isto é — *combinado*» (1).

A ser anglicismo no português — *arranjar*, no sentido de *combinar*, é anglicismo com raízes — e de corrente uso hoje: a cada passo se ouvem frases como: *arranjem lá isso os dois e depois déem-me parte*. Em francês também *arranger* — parece-me que espontâneamente e não por via do inglês, tem o sentido de combinar, como se vê inclusivamente do provérbio: *Il vaut miaux s'arranger que plaider*, equivalente ao nosso *antes mau concêrto que boa demanda* — facto que para a existência no português da referida acepção, não deve — a ser ela importada — ter contribuído menos que o considerado por Gonçalves Viana.

Os escritores quando põem nas suas obras a falar inglêses utilizam o contágio semântico, como tôda a outra espécie de acidentes gramaticais. Um exemplo do campo que acabamos de explorar está neste passo do *John Bull*, de Ramalho Ortigão, em que naturais da Grã-Bretanha empregam *glorioso* no sentido de *lindo*, — que é o que tem no inglês *glorious* em expressões como *glorious day*:

«Que glorioso tempo!» (2)

Os anglicismos que mais importa porventura considerar, porque são os que mais brigam com a índole da língua, atingindo o nosso tipo tradicional de construção fraseológica — são os anglicismos sintáxicos. Eles vão aparecendo com certa freqüência, se bem que em menor número que os lexi-

(1) I, pág. 424.
(2) Porto, 1887, pág. 68.

cais: suprem no entanto a sua deficiência quantitativa com a sua poderosa acção desnacionalisadora.

É no domínio industrial e desportivo que esta importação subtil e perigosa de boleios de frase se verifica comummente; e caracteriza-se pela disposição dos elementos portugueses, aportuguesados e inteiramente britânicos da frase, segundo a ordem normal inglêsa. Tal é o caso de construções como *Vitória Hotel* por *Hotel da Vitória, Coimbra Hotel* por *Hotel de Coimbra, Casa Pia Atlético Club* por *Club* (melhor *Clube*) *Atlético da Casa Pia, Coimbra Club* por *Club* (melhor *Clube*) *de Coimbra.*

Á própria província vão chegando já estas denominações de sintaxe anglizada. O Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, no primeiro volume do formoso livro — *De terra em terra,* refere-se nestes termos a uma que encontrou em Chaves: «Á entrada da vila fica o Flavia-Hotel (mais correcto seria Hotel Flaviano, Flaviense ou Flávio; porém são modas) novo e bem situado, ao pé de campos e jardins, e nêle me hospedei» (1).

Consolemo-nos no entanto por serem vulgares noutras línguas românicas as denominações dêste tipo ânglico. No francês títulos como *Montparnasse-cinema* são hoje freqüentes, outrotanto acontecendo no espanhol, que tem por exemplo: *Barcelona Footbal Club, Real Betis Balompié.*

Por via automobilística assentaram arraiais formações em que, além da sintaxe inglêsa, há encurtamento vocabular — que se não poderá dizer, no entanto, despido de apropósito numa actividade que fêz o encurtamento das distâncias: tal é o caso de *Auto-Gazo,* ou seja vernàculamente *Gazolina para Automóveis.* Já o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, com a perspicácia filológica e a preocupação de defensão do idioma que lhe são habituais, havia notado nas *Lições de filologia portuguesa,*

(1) Lisboa, 1927, pág. 67.

a extravagância da expressão, — divulgadíssima hoje, mercê dos anúncios de jornais e até dos postes-depósitos que uma companhia, americana de capitais e inglêsa no nome e na própria língua que parece usar em nossa casa — a *Vacuum Oil Company*, pôs a bordejar as estradas do país — em cidades como em vilas, em aldeias como em aldeolas, sem que ninguém a impedisse de mascavar ou desdenhar o idioma nacional.

Assim comenta a arrevesada expressão o Sr. Prof. Leite de Vasconcelos — pondo antes em relêvo ainda outros factos sintáticos do tipo dos já assinalados, e depois de todos a preciosa observação de que a sua origem é o inglês e o seu veículo o francês:

«Na Athenas portuguesa vi ha tempos estes lettreiros exoticos: *Coimbra-Club, Photo-Velo:* o primeiro parece que quer dizer Club Coimbrão; no segundo ha as primeiras syllabas de *photographia* ou *photographico,* e de *velocipedia,* ou *velocipédico,* o que lembra o *autobus* parisiense (palavra composta das duas syllabas iniciaes de *automobile*, e da ultima de *omnibus!*). A par com o *Coimbra-Club* temos em Lisboa um *Lusitano-Club*, nas Caldas de Vizella um *Mourisco Club* e no Pôrto um *Elite Sport Club:* a ultima denominação foi tão desengonçadamente imaginada que nenhum dos seus elementos componentes é português! Que poderei dizer deste lettreiro que se lê numa vila provinciana: *Auto-Gazo vende-se aqui!* significa: vende-se gazolina para automoveis.

«Só por adivinhação se entendem às vezes taes enigmas. Não fica atrás um *Auto-Palace* lisbonense, que designa, pelos modos, um barracão envidraçado em que se guardam automoveis. Já não reparo no *club* e no *palace*, palavras inglesas pronunciadas à francesa, nem no *auto,* que vem do grego *autos,* «mesmo» «proprio», primeiro elemento de *automovel;* o que desejo principalmente é assignalar o insolito de construcções syntaticas como as que ficam citadas, onde

o nome determinante precede o determinado. Estas construcções vieram-nos do inglez por intermedio do francez» (1).

Cabe notar a propósito das expressões do tipo de *Foto-Velo* que — o disparate é fecundo e o português simiescamente imitador, mòrmente daquelas coisas que, por virem de fora, se julga que dão mais lustre — pela pauta delas se vão criando novas denominações de produtos, estabelecimentos, ou sociedades. Em Lisboa, por exemplo, apareceu recentemente, no campo destas últimas a *Auto-Aéro L.da*.

Ao lado dêstes anglicismos sintáxicos, que dão tôda a impressão de assentarem arraiais no idioma, há outros que provém de traduções imperitas do inglês, e que têm a vida efémera que merecem. Dá-nos um exemplo dêstes anglicismos Gonçalves Viana, que nas *Apostilas aos dicionários portugueses* traz o seguinte passo publicado em 1904 por um jornal lisboeta — e a que faz o respectivo comento:

«*O orgulho japonez constitue um phenomeno tão intenso n'aquelle povo que deixa de ser apenas objecto duma observação.* Ha aqui um anglicismo de sintasse que torna absolutamente ininteligivel o conceito» (2).

Lá fora aparecem factos do tipo dêstes que apontamos. No Canadá — por via da vizinhança territorial, do poliglotismo da gente culta e das constantes relações com os Estados Unidos — ouvem-se e vêm-se escritas frases como: *prendre une marche, défense de trépasser sur ce terrain,* decalcadas respectivamente sôbre *talke a walk* e *prohibited to trespass on these grounds.*

Deixamos para consideração particular um outro tipo de fenómenos — que tudo leva a crer sejam anglicismos ainda —

(1) *Lições de Philologia portuguesa,* Lisboa, 1911, pág. 383.

(2) I, pág 424.

e que são constituídos por reduções menores e maiores de vocábulos e expressões.

A reducção menor apresenta-se no português apenas com carácter apocopal — e chega-nos, creio bem, por via francesa ainda. Ela verifica-se efectivamente naqueles casos em que já se tinha verificado no idioma intermediário. Criações não as há, por assim dizer. Escrevi a propósito destas reduções de carácter apocopal no *Diário da Tarde* a seguinte *Nota lingüística:*

«A língua de nossos dias, para corresponder à febre ou ânsia de movimento e acção que a todos atormenta, apresenta um grande número de abreviações ou reduções vocabulares, principalmente de carácter apocopal. É no domínio desportivo e no calão que elas sobretudo aparecem — se bem que também vão aflorando, e já com freqüência, na língua geral ou comum. Assim diz-se *quilo* por *quilograma, cromo* por *cromolitografia, neura* por *neurastenia, súcia* por *sociedade,* sobretudo sociedade de má espécie. Na linguagem dos desportos, porém, abundam os factos desta natureza. Diz-se *auto* por *automóvel, taxi* por *taxímetro, pneu* por *pneumático, moto* — e também popularmente *mota,* por acomodação da terminação ao género — por *motociclete.* Também os encurtamentos aparecem freqüentemente no calão, com intuitos crípticos ou picarescos. O calão da guerra deu-nos *trincha* por *trincheira* e *artilhas* e *sapas* por *artilheiros* e *sapadores.* E no calão estudantil do Colégio Militar emprega-se *prisa prisão.*

A abreviação dá-se nas palavras simples, como nas compostas: em *bia* por *beata,* — na acepção de ponta de cigarro; como em *sub* por *sub-director,* na alcunha *fere* por *fere-fogo,* na importação recente *jazz* por *jazz-band.* Uma circunstância facilita o encurtamento: é a terminação gradativa, que leva naturalmente o espírito à busca do pretenso primitivo. Assim diz-se *fuça* por *focinho, tiço* por *tição, intruja* por *intrujão,*

tusto por *tostão*, graças à falsa consciência etimológica que produziu também *rosmano* por *rosmaninho*, na língua dialectal. Tal falsa consciência pode ainda existir noutros casos: o haver, ao lado de formas, como *mudança*, o têrmo *muda*, explica de certo modo a criação analógica de *cúnfia*, ao lado de *confiança*. O arbítrio não existe nunca na linguagem e o próprio calão obedece às normas que no idioma comum se verificam.

Formações como as apontadas aparecem noutras línguas: o francês, por exemplo, tem *aristo* por *aristocrate*, *cabot* por *cabotin*, *colo* por *colonel*, *mac* por *maquereau*, *mazag* por *mazagran*, *métro* por *métropolitain*, *photo* por *photographie*, *tram* por *tramway*, *velo* por *velocipède*. E ao lado de têrmos simples há têrmos compostos: *bas-off* por *bas-officier*. Em Paris, o jornal da tarde *L'intransigeant* é apregoado *L'Intran* e no calão do *Quartier Latin* o *Boulevard Saint-Michel* é simplesmente o *Boule-Miche*. A literatura tem acolhido já muitas destas formas. De *mélanco*, por *mélancolique*, há êste passo exemplificativo de Lavedan: «Je me sens un peu... comment dirai-je? *Mélanco*. Um peu *mélanco*. C'est ça». E Rostand emprega *mélo* por *mélodrame*: «C'est du mélo».

O inglês leva estas reduções muito mais longe do que o português — e que os outros idiomas românicos. Estes, se imitaram, estão inda longe de haver imitado tudo. Assim, não aparecem ainda nêles fenómenos como: a redução de uma expressão a um simples monossílabo — caso de *pub* por *public house*, de *zoo* por *zoological garden*; a exclusiva manutenção da sílaba medial ou seja aférese e apócope simultâneas, como em *flu* por *influenza*; e a manutenção também exclusiva da sílaba final, ou seja aférese e síncope simultâneas, como é o caso de *bus* por *omnibus*.

Carnoy, no livro tão novo de terminologia quanto velho de factos, *La science du mot*, refere-se a estas reduções, se bem que inadvertidamente chame apócopes a tôdas, e ate

no mesmo molho a redução vocabular e a redução expressional:

«Á notre époque de vie intense, l'abréviation est poussée très loin. Il y a l'apocope qui supprime la fin des mots. Elle florit en Angleterre où l'on dit couramment, *cab*, *cad*, *gin*, *mob*, *hock*, *pub*, *bus*, *zoo*, *coed*, *flu*, etc., pour *cabriolet*, *cadet*, *genever*, *mobile vulgus*, *Hockheimer*, *public house*, *omnibus*, *zoological garden*, *coeducation girl*, *influenza*» (1).

As reduções vocabulares aparecem espontâneamente nos idiomas românicos — mas quási limitadas ao campo hipocorístico. Há um exemplo dêste tipo abreviativo na forma *Tista*, por Baptista, de que Eça de Queiroz nos dá conta neste passo dos *Maias:*

«O creado de Carlos, o Baptista (familiarmente, o *Tista*), esperava o» (2).

A forma que vai chegando até nós um pouco mais estranha em matéria de reduções é *autobus*, a cuja génese atrás aludimos, mas que não é, todavia, sem paralelo no idioma: a fisionomia das fórmulas químicas assemelha-se lhe bastante.

A forma *autobus* é encontrável em textos literários portugueses. Um exemplo está no seguinte passo de Aquilino Ribeiro, no *Jardim das Tormentas:*

«Um enorme *autobus* estava ali ao pé, quasi intacto, misterioso, e ao volante viam-se ainda umas falanges descarnadas que se crispavam» (3).

Em espanhol também há, àlém de reduções como *reuma*, o vocábulo *autobus*, plural *autobuses*, que se emprega hoje largamente.

Podia ainda observar-se que, dentro dêste tipo de redu-

---

(1) Louvain, 1927, pág. 240.
(2) Ed. cit., I, pág 207.
(3) Lisboa, 3.ª ed., pág. 322.

ções menores, há casos em que se aliam — e mais ou menos intimamente — palavras que sofreram idêntica supressão de sons e palavras que a sofreram diversa. Dá-se pelo facto comparando, por exemplo, um caso de dupla apócope de elementos meio autónomos como *Auto-Gazo*, com um caso de apócope e aferése de elementos fundidos como *autobus*.

As reduções maiores vão até ao ponto de só deixarem, numa expressão titulativa, os fonemas iniciais dos elementos componentes. Elas são em grande número já hoje entre nós — e com tendência a multiplicarem-se ràpidamente. O seu uso — actualmente oral e escrito — devia restringir-se inicialmente a esta última feição idiômica. E tudo leva a crer que foram os mundos desportivo e industrial de Além-Mancha, ambos cheios de febril actividade, que nos transmitiram o gôsto destas denominações màximamente abreviadas — e que já hoje se vão entre nós estendendo até a instituïções um tanto paralíticas, como os serviços públicos e os partidos políticos.

No romance *L'étape*, de Paulo Bourget, há a seguinte alusão à origem destas abreviações e à sua artificialidade em francês: «Il s'agissait de l'U. T., dit la jeune fille. Comme on voit, elle employait la sorte d'abréviation, empruntée aux habitudes anglo-saxonnes et qui trahirait seule l'origine étrangère et artificielle de ces groupements périlleux» (1).

Philipot comenta êste passo de Paulo Bourget, confirmando aliás a origem anglo-saxónica do processo da redução das palavras às respectivas iniciais. Eis os próprios termos em que o faz:

«Paul Bourget est bien en retard s'il croit que la prononciation *U. T.* pour les deux mots complets constitue un signe infallible de l'origine étrangère d'un individu. Même au moment où il écrivait *L'étape*, c'est à dire il y a sept ans en-

(1) Em Nyrop, *Grammaire historique de la langue française*, III, Copenhague, 1908, § 5, 3.º.

viron, il était en retard. Sans doute je reconnais que l'usage de ces abréviations est dû à l'influence anglaise. Il a pénétré d'abord dans les sociétés sportives, et c'est là encore qu'il est le plus développé. Une société sportive ne se désigne jamais que par ses initiales, qui sont souvent très nombreuses. Mais le procédé en question est bien plus répandu que vous ne le dites en dehors de ces cas où l'intrusion anglo-saxonne est palpable. Depuis que je fréquente les universités je n'ai jamais entendu appeler autrement que *P C N* le premier examen préparatoire aux études de médicine (il comprend: *P*hysique, *C*himie, Sciences *N*aturelles). Les *P C N* sont les étudiants de médicine de première année. Ce terme n'appartient nullement à l'argot spécial des étudiants: il est pour ainsi dire officiel. C'est là le cas le plus frappant que je puisse vous citer pour le moment. De même, les universités populaires sont très souvent appelées les *U P*. D'une façon générale, toutes les associations, sportives ou non, se désignent de plus en plus par les initiales, et le public, le grand public admet cet usage et s'y soumet très volontiers. À Rennes, lorsque les étudiants de l'Union Républicaine donnent un bal, on ne parle en ville que du «bal de l'*U.*». Les employés des «Postes, Télégraphes et Téléphones» sont les *P T T*. Il est vrai que cette dernière abréviation ne me paraît pas encore bien sortie de l'argot professionel» (1).

O inglês moderno está efectivamente cheio destas reduções. *The S-P-C-A*, lida cada uma das letras com o seu valor alfabético individual é o título habitual do organismo — *Society for the prevention of cruelty to animals*. Por vezes — e pelas mesmas razões práticas — faz-se seguir a ennumeração das iniciais designativas do organismo especial do têrmo geral indicador da espécie: tal é o caso de *A-B-C-shop*, em que as iniciais representam *Aerated Bread Company*.

---

1 Em Nyrop., id., id., pág. 396-7.

As outras línguas germânicas apresentam exemplos das mesmas abreviações — porém em grau menor. Um exemplo: os membros da sociedade alemã das províncias orientais, ou seja dos partidários da germanização da Polónia, tiram o seu nome *Hakatisten* das iniciais dos seus fundadores ou promotores do movimento — *Hannemann, Kenemann, Tiedemann.*

Também em Portugal se chama hoje habitualmente à Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro — C-P., e ao Partido Republicano Português — o P-R-P. A telegrafia sem fios também é normalmente designada pela T-S-F.; e o curso de preparatórios médicos das Faculdades de Sciências é comummente chamado também F-Q-N., das iniciais das palavras Física, Química, Naturais — esta última já elipse por sua vez de Sciências Naturais — e que designam as três cadeiras cuja freqüência é indispensável para ser admitido à matrícula nas Faculdades de Medicina.

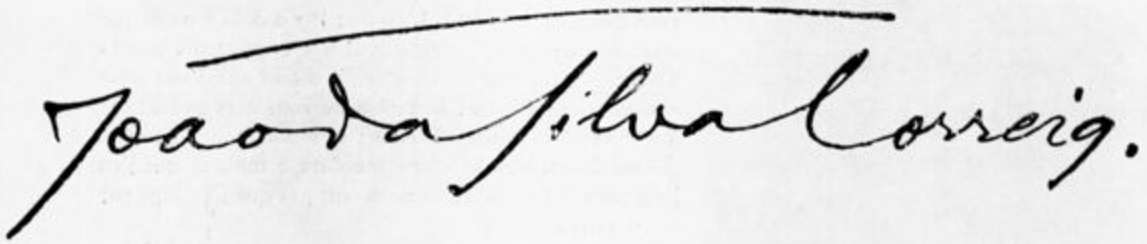
Estas designações abreviadas facilitam interpretações cómicas — umas feitas mercê da substituïção das palavras que as têm por iniciais, por outras em que elas se encontram na mesma posição e que individual ou colectivamente envolvem sátira ou gracejo; outras feitas por meio da simples leitura do grupo das iniciais como se fôssem elementos de um mesmo vocábulo, tornado depois pelas circunstâncias mais ou menos grotesco. Assim as iniciais P-A-M, que traziam os automóveis do Parque Automóvel Militar — em bom português, Parque Automobilístico Militar, ou Parque dos Automóveis Militares — eram interpretadas facetamente — ora visionando os atropelamentos que por excesso de velocidade e imperícia de mão — protegidos da complacência das autoridades — a cada passo se davam, ora o emprêgo dos carros para transporte de parentes e aderentes, sobretudo dos políticos e governantes — *Para a Morgue, Para andarem Madamas.*

Durante a grande guerra as iniciais C-E-P, designativas do Corpo Expedicionário Português, eram interpretadas satìricamente, dada a antipatia com que era vista a nossa intervenção no conflito europeu, por «Carneiros Exportados de Portugal». Êste tipo de facécia por falsa interpretação de iniciais foi na guerra freqüente: os italianos, por exemplo, traduziam as iniciais P-A, que significavam *Parco Automobilistico*, por *Pelle assecurata;* os belgas davam a T-S-F ou *Télégraphie sans fils,* o significado de *Travail sans fadigue;* e os franceses interpretavam D-M-A-P ou *Dépôt du matériel automobile et du personnel* por *Défense de marcher à pied,* e *S-R-A*, que significava *Service de réperage des avions* por *Sans risque aucun*, e ainda davam às iniciais T-P-A-A, que queriam dizer *Trésor et Postes aux armées*, a tradução facêta — *Très peu à l'avant.*

Da leitura de iniciais como se fôssem vocábulos há entre nós alguns casos como: o de *S I C*, que se pronuncia como a partícula latina que quere dizer assim, e designa a Sociedade Industrial Chocolateira; o de *C U F*, que se pronuncia como dissilabo, e designa a Companhia União Fabril; e o de *C A P A* — acrossémia que inclusivamente tem a curiosidade de se encontrar, sob o aspecto fonético e gráfico com o substantivo comum designador de certa peça de vestuário — e que representa a Companhia Agrícola e Pecuária de Angola. Em francês há leituras de iniciais do tipo das portuguesas citadas: chama-se, por exemplo, *Sipef* à *Société Internationale de plantation et de finance.*

Destas leituras de iniciais há exemplos facetos também. Assim certo episódio político acontecido há poucos anos — nem mais nem menos que a fusão ou confusão dos três partidos republicanos — unionista, reconstituinte e evolucionista, numa única fôrça de govêrno, provocou da parte do jornal monárquico — o *Correio da Manhã* um curioso motejo: à organização resultante das agremiações fundidas chamou

aquele periódico *Puré,* palavra que saía da junção das iniciais do título — soma dos elementos políticos formadores — *Partido Unionista — Reconstituinte — Evolucionista.*

E não menos curioso é outro caso que se deu em França com a Repartição de Operações e Informações do nosso Quartel General. Designando-se êste organismo pelas iniciais *R-O-I,* que formavam lidas em conjunto a palavra francesa *roi,* ou seja em português *rei,* foi tal denominação, que cheirava a monarquismo, e era porventura de mau agoiro, substituída por outra em que só entravam os dois primeiros elementos — Repartição de Operações, ou simplesmente *R-O,* na abreviação acrossémica.

(Continua).